

**A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E O LUGAR DA MULHER
NA REVISTA GRAÇA E BELEZA
THE CONSTRUCTION OF THE MEMORY AND THE PLACE OF WOMAN
IN GRAÇA E BELEZA MAGAZINE**

Deolinda de Jesus Freire¹

Elenice Israel da Silva²

Resumo: A partir da análise comparativa dos textos de Iná de Souza e de José Mendonça, publicados na revista *Graça e Beleza* no período de 1942 a 1945, nosso objetivo neste artigo é compreender a construção da memória e a repetição de lugares comuns referentes ao universo feminino e masculino na cidade de Uberaba na década de 40. Para isso, analisamos o tema tratado por cada autor em seus textos, bem como o estilo empregado. Em nossa leitura, buscamos identificar semelhanças e diferenças discursivas que marquem as singularidades do estilo de cada autor. A análise das imagens construídas sobre o universo feminino e masculino nos textos da revista **Graça e Beleza** nos ajudam a compreender discursos que ainda circulam em nossa sociedade nos dias atuais.

Palavras Chaves: Memória; Revista **Graça e Beleza**; Lugares comuns; Estilo.

Abstract: From the comparative analysis of texts by Iná de Souza and by José Mendonça, published in **Graça e Beleza** magazine from 1942 to 1945, our aim in this paper is to understand the construction of the memory and the repetition of common-places regarding the female and male universe in the city of Uberaba in the 1940s. In order to do so, we analyze the theme which each author writes about, as well as the style they use. In our reading, we seek to identify discursive similarities and differences that mark the singularities of each author's style. The analysis of images about the male and female universe constructed in the texts in **Graça e Beleza** magazine help us understand discourses that still reverberate in our nowadays society.

Keywords: Memory; **Graça e Beleza** magazine; Commonplaces; Style.

1 INTRODUÇÃO

Na década de 1940, a maioria das mulheres era educada para que se dedicasse, quase que exclusivamente, ao matrimônio e à maternidade. Nesse contexto social, Iná de Souza, uma mulher considerada à frente de seu tempo por se dedicar à história e à cultura de Uberaba, escrevia e publicava seus textos na revista uberabense **Graça e Beleza**. Ainda que se tratasse de uma revista direcionada ao mundo feminino, a maioria

¹ Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo. Professora de Literaturas em Língua Espanhola do curso de Letras – Português/Espanhol da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. deofreire@uol.com.br.

² Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras/UFTM. Professora de Língua Portuguesa da rede pública de ensino da cidade de Uberaba. Licenciada em Letras – Português/Espanhol. eleniceis@hotmail.com

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 9, n. 2 (2016)

dos artigos era assinada por homens, entre eles José Mendonça³, advogado, professor e escritor. Os textos publicados por Souza e Mendonça na **Graça e Beleza** compõem nosso *corpus* de análise para compreender a escrita feminina e o lugar social da mulher em um período da história em que ela era educada para o ambiente doméstico.

A comparação entre os textos nos permite identificar as diferenças e as semelhanças relacionadas ao estilo e aos temas que são considerados propícios pela sociedade da década de 1940 para o campo feminino e masculino. Dessa forma, investigamos o processo de construção de uma determinada memória do mundo feminino e masculino na cidade de Uberaba. Nosso propósito é delinear lugares comuns capazes de constituir a memória da mulher da década de 40 a partir da voz de Iná de Souza em comparação à de José Mendonça.

A metodologia comparativa nos permite compreender os assuntos destinados à mulher, bem como a voz feminina empregada por Iná de Souza. A imagem produzida a partir dessa voz constitui a memória de mulher que ainda hoje permanece em nossa sociedade, afinal, o passado de outrora ainda está presentificado em nossa sociedade. Em nossa pesquisa, sob uma perspectiva histórica, abordamos aspectos da história mundial, como a Segunda Guerra, época de circulação da revista, bem como local, que nos possibilita conhecer estilos que marcaram uma parte da comunidade uberabense.

Pelo exposto, este artigo tem como objetivo refletir sobre a construção da memória, bem como seus lugares comuns, a partir da comparação entre as escritas feminina e masculina na revista **Graça e Beleza**, publicada em uma época em que o ambiente literário e jornalístico era dominado pela voz masculina.

2 O CORPUS DA PESQUISA

Graça e Beleza⁴, publicada a partir de 1942, foi uma revista de grande circulação no “Brasil Central”⁵, tendo sido considerada moderna para a época, pois trazia elementos

³ José Mendonça dá nome a uma escola pública e a uma rua de Uberaba. Essa homenagem se deve a sua atuação junto à comunidade uberabense.

⁴ O diretor da revista era Souza Junior e o redator chefe era o advogado Dr. Vitor de Carvalho Ramos. Iná de Souza ocupava o cargo de secretária.

⁵ A expressão “Brasil Central” aparece na capa da edição de outubro de 1942: “Revista ilustrada e mensal para todo o Brasil Central”. Essa informação nos permite inferir que a revista era distribuída em estados da região Sudeste e Centro Oeste. É pertinente lembrar que, nessa época, Uberaba era considerada uma cidade de pequeno porte. Como afirma Fonseca (2012, p.49), “o município de Uberaba tinha uma população de 58.984 habitantes em 1940 – sendo 31.259 na área urbana (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1948)”. Os números comprovam que um pouco menos da metade da população vivia na área rural, pois muitos se dedicavam à produção agrícola e principalmente à pecuária. Uberaba foi um importante entreposto comercial que ligava o Triângulo Mineiro a outros estados como São Paulo, Goiás e Mato Grosso, o que favorecia a criação de gado na região, criação esta que ao longo dos anos rendeu à cidade, como podemos ler no museu do Zebu, o título de capital mundial do gado Zebu, principal raça criada na região.

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 9, n. 2 (2016)

gráficos pouco usados por publicações brasileiras, como, por exemplo, fotos coloridas. Embora fosse considerada uma revista feminina, seu conteúdo era bastante diversificado por trazer assuntos que interessavam tanto às mulheres quanto aos homens. Em nossa primeira leitura dos exemplares da revista, os textos direcionados ao público feminino nos chamaram a atenção porque promulgam um discurso do papel que se esperava ou se atribuía às mulheres na década de 1940. Essa leitura nos fez olhar para o passado, tanto histórico quanto cultural, para conhecer um pouco da memória da cidade de Uberaba e do “Brasil Central”, bem como os lugares comuns femininos e masculinos divulgados pela mídia impressa.

A partir da leitura de dezesseis edições de **Graça e Beleza**⁶, optamos por fazer um recorte cronológico de produções escritas entre os anos de 1942 a 1945. Um dos critérios adotados foi o de selecionar textos de Iná de Souza e de José Mendonça que foram publicados nas mesmas edições da revista. Outro critério foi o de não nos dedicarmos aos textos que Iná de Souza escrevia apenas para as mulheres nas colunas fixas “Para alegrar a mulher” e “Página das mãezinhas”. Afinal, nosso objetivo é o de analisar artigos em que Souza trate de assuntos diversos voltados tanto para o público feminino como também para o masculino. Dos dezesseis exemplares, selecionamos nove que datam de 1942 a 1945 e trazem produções de Iná de Souza e de José Mendonça. Abaixo, apresentamos os artigos selecionados para nossa pesquisa.

⁶ Os exemplares da revista *Graça e Beleza* estão disponíveis no arquivo público de Uberaba e foram digitalizados pelo Grupo de Estudos Variacionistas (GEVAR) sob coordenação da profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM.

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 9, n. 2 (2016)

Edição	Autor (a)	Título
Março/1942	Iná de Souza	Enlevo...
	José Mendonça	Lendo "O Lobo do Mar"
Abril/1942	Iná de Souza	História de uma lágrima
	José Mendonça	Araxá que eu vi
Julho/1942	Iná de Souza	... E o vento não levou
	José Mendonça	Gordas e magras
Março/1945	Iná de Souza	Eles vão voltar
	José Mendonça	Medindo as orelhas...
Abril/1943	Iná de Souza	Esquecer...
	José Mendonça	O mundo sem dinheiro?
Dezembro/1943	Iná de Souza	O que eu quero de você, ano-novo...
	José Mendonça	"Paz ao mundo e à tua vida, pobrezinho..."
Maio/1944	Iná de Souza	O dom impossível
	José Mendonça	Reflexões sobre o estado totalitário
Novembro/1944	Iná de Souza	Préce
	José Mendonça	A liberdade de ser infeliz
Dezembro/1944	Iná de Souza	Salve, ano novo!
	José Mendonça	A divina esperança

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2016.

Em nossa pesquisa, os artigos selecionados, além de lugar de memória, também são lidos como documentos por serem considerados como "fonte histórica"⁷, bem como "Patrimônio cultural imaterial"⁸. O estudo desses artigos/documentos nos fornece elementos que contribuem para conhecer como se deu a construção da identidade de uma comunidade em determinada época histórica. Como afirma Jaques Le Goff (1990, p.10), o fato histórico não é um objeto dado e acabado, pois resulta da construção do historiador. Do mesmo modo, o documento não é um material bruto, objetivo e inocente, afinal ele

⁷ Fonte histórica é tudo aquilo que é produzido ou sofreu alguma interferência do homem e através de seu estudo pode nos trazer a possibilidade de conhecer e compreender o passado humano.

⁸ De acordo com a UNESCO, patrimônio cultural Imaterial ou Intangível compreende as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/> acesso em: 26 jul.2016.

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 9, n. 2 (2016)

também exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e a construção de uma projeção para o futuro.

A leitura, bem como a análise, desses documentos nos possibilitou compreender as representações que mais tarde acabariam por influenciar no pensamento local e na construção da memória coletiva. Afinal, o discurso de escritores locais contribui de forma primordial para a preservação da memória coletiva de Uberaba e da região, bem como a construção dos lugares comuns que configuram a sociedade da época e que ainda são reafirmados em alguns discursos atuais.

Para Le Goff (1990, p.424), a utilização da escrita é uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que,

graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória.

Dessa forma, os artigos/documentos, analisados em nosso artigo, representam uma forma de armazenamento da memória coletiva, pois os autores escolheram os temas de seus textos, aplicando a eles um estilo adequado para seus leitores. A linguagem escrita apresenta-se como um mecanismo social de acesso e estudo da memória, bem como de seus lugares comuns e sua propagação por uma determinada sociedade.

3 A MEMÓRIA

Segundo Walter Benjamin (1987, p. 239), as imagens gravadas em nossa memória são como fragmentos que precisam ser remexidos para surgir na superfície não apenas os acontecimentos e as lembranças, mas também a imagem daquele que se lembra. Para isso, é necessário escavar a memória para reencontrar as recordações que nos transformaram no que somos hoje. As reflexões de Benjamin evidenciam que a memória, ou ainda, o ato de lembrar, é o que contribui para esculpir a história do homem e a compreensão de nossa própria existência. Em nossa leitura, o ato de folhear e ler uma revista da década de 1940 se configura, de certa forma, como uma maneira de escavar a memória que se construiu a respeito de uma determinada sociedade.

A memória, como procedimento, está relacionada ao campo histórico, bem como literário e cultural, e também ao nosso senso de identidade pessoal e coletiva, pois nos aproximamos de quem somos quando escavamos as ruínas de nossas lembranças. Nossa história também se constrói de forma individual e coletiva, em um tempo que

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 9, n. 2 (2016)

pertence a um e a todos⁹. As recordações do homem são constituídas e evocadas através das experiências, sejam elas individuais ou coletivas, das quais se espera que haja algum aprendizado. Nesse sentido, pensamos a memória como individual, coletiva e social, afinal, por mais que as lembranças sejam individuais, a memória não está isolada. Há, portanto, uma relação intrínseca entre as memórias individual e a coletiva, pois o indivíduo não pode se recordar de algo sobre um determinado grupo social se essas lembranças não se identificam com ele.

Julio Pimentel Pinto (1998) esclarece que a leitura da memória coletiva deve partir da decifração dos movimentos de constituição de significados, desdobrando a memória e notando o percurso e a intencionalidade de sua elaboração. Ao partir da memória coletiva, temos condições de conhecer uma parte do passado e assim projetar de forma mais ampla uma determinada época. A análise dos textos de Iná de Souza e José Mendonça, publicados na revista **Graça e Beleza**, nos auxilia a decifrar os “movimentos de constituição de significados” (PINTO, 1998, p. 59) para encontrar indícios, memórias e lugares comuns que nos levem à constituição de uma memória feminina na década de 1940. O olhar para o passado, ainda que recente, é fundamental para compreendermos as práticas sociais e os discursos que ainda estão presentes na vida das mulheres.

4 OS TEMAS DESTINADOS À MULHER E AO HOMEM

Nas primeiras décadas do século XX, o lugar social e cultural da mulher é marcado, principalmente, por seu papel nos cuidados com o lar. As relações familiares se baseavam no pacto conjugal em que o homem era o provedor da casa. A sociedade patriarcal sempre considerou o papel feminino inferior ao masculino, logo, era comum que as mulheres tivessem refreadas e silenciadas qualquer iniciativa referente às áreas acadêmica, política e artística. Normalmente, ela não era vista como sujeito de sua própria história nem considerada por essa sociedade como escritora e leitora ideal. Por essa razão, boa parte dos autores lidos nas primeiras décadas do século XX pertence ao gênero masculino.

⁹ Essa ideia está baseada na leitura do poema “Soy” de Jorge Luis Borges, publicado em 1978 no livro *La rosa profunda*, principalmente nos dois últimos tercetos: “Soy el que pese a tan ilustres modos // de errar, no ha descifrado el laberinto // singular y plural, arduo y distinto, // del tiempo, que es uno y es de todos. // Soy el que es nadie, el que no fue una espada // en la guerra. Soy eco, olvido, nada.”

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 9, n. 2 (2016)

Guacira Lopes Louro (2003), ao tratar da construção da identidade e do gênero feminino, destaca o percurso de luta das mulheres em busca de um lugar diferente daquele ambiente doméstico reservado para a maioria na década de 1940:

É, portanto, nesse contexto de efervescência social e política, de contestação e de transformação, que o movimento feminista contemporâneo ressurgiu, expressando-se não apenas através de grupos de conscientização, marchas e protestos públicos, mas também através de livros, jornais e revistas. Algumas obras hoje clássicas – como, por exemplo, *Le deuxième sexe*, de Simone Beauvoir (1949), *The feminine mystique*, de Betty Friedan (1963), *Sexual politics*, de Kate Millett (1969) – marcaram esse novo momento. Militantes feministas participantes do mundo acadêmico vão trazer para o interior das universidades e escolas questões que as mobilizavam, impregnando e "contaminando" o seu fazer intelectual. (LOURO, 2003, p.16).

Esse momento de efervescência, principalmente no que se refere à mídia impressa, é o mesmo em que é publicada a revista **Graça e Beleza**. Iná de Souza, ainda que não tenha alcançado um reconhecimento expressivo, busca um lugar nesse universo jornalístico e intelectual marcado pela figura masculina. Louro destaca que a segregação social e política a que a mulher foi historicamente conduzida teve como consequência sua invisibilidade como sujeito. Assim, um dos objetivos das estudiosas feministas desses primeiros tempos foi tornar visível aquela que fora ocultada com frequência. Essa invisibilidade, produzida principalmente pela rotina doméstica e familiar, era um lugar comum para as leitoras de **Graça e Beleza**. Portanto, os temas e o estilo da voz feminina da revista deveriam ser adequados ao contexto patriarcal dos anos 40.

A partir desse olhar, empreendemos a análise sobre as diferenças entre as publicações de Iná de Souza e de José Mendonça. O estilo feminino, por exemplo, é marcado pelo emprego excessivo do foco em primeira pessoa e o tom confessional, como se a autora estivesse conversando intimamente com o leitor. Como exemplo, temos um fragmento do texto "...E o vento não levou", em que Souza (1942, p.21) constrói a imagem de uma mulher desiludida com o amor prometido: "Continuaria a sofrer com aquele amô¹⁰ que eu ainda possuía, mas nada queria que me fizesse recordar suas juras mentirosas...". Nesse caso, o tom de confiança evidencia a desilusão e o sofrimento por um amor perdido em que se destaca certo sentimentalismo, que pode ser visto como um dos

¹⁰ Mantivemos em todas as citações de Iná de Souza e José Mendonça a escrita original do período, bem como possíveis erros de digitação.

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 9, n. 2 (2016)

lugares comuns das mulheres da década de 40, que são consideradas românticas por boa parte da sociedade.

Em outro fragmento, do texto “Esquecer...”, Souza (1943, p.3) emprega novamente o tom confessional para vincular a alegria de viver em razão do amor: “Comecei a achar o mundo mais atraente, a alegria tornou-se minha inseparável amiga, o riso fixou residência em meus lábios, e Você, para meu maior gaudium, veio tornar ainda maior minha alegria de viver...”. Nesse exemplo, percebemos a pertinência de condicionar a felicidade plena ao amor, afinal, o desejo da maioria das moças dessa época deveria ser o casamento e a constituição de uma família. Para isso, encontrar o amor “certo” era uma questão vital. O amor e o sofrimento, provocado, muitas vezes, pela ausência ou ruptura do amor, são temas recorrentes nas publicações de Iná de Souza.

Em contrapartida, destacam-se, nos artigos de José Mendonça, temas políticos, sociais e acadêmicos, nos quais são empregados, na construção de seu estilo, uma linguagem formal, rica em citações, direcionada para o leitor masculino. Mendonça era uma das muitas vozes masculinas presentes na revista **Graça e Beleza** e a ele estava reservado o lugar das discussões sobre temas que interessavam a esse público. Boa parte de suas publicações eram resenhas de outros textos ou livros, por isso é frequente o recurso da citação para ancorar suas opiniões e juízos de valor.

No artigo “Lendo O Lobo do Mar”, por exemplo, Mendonça (1942, p.5) analisa o livro de Jack London e propõe reflexões sobre o valor à vida a partir de sua leitura: “Realmente, os heroísmos e sacrifícios os martírios, as renúncias, as abnegações, sufocando o egoísmo, em proveito do nosso semelhante, ou de uma ideia, são uma prova robustíssima de que temos um respeito imortal.” Em “As carrascas”, Mendonça (1942, p.3), ao escrever sobre um concurso para a função de carrasco que teve quatorze mulheres inscritas, também se baseia em suas leituras para ajuizar seu ponto de vista sobre a participação das mulheres nessa função, como comprova o fragmento: “Eu já lhe conto meu velho, antes que você me pergunte qual foi a notícia que eu li.” Já em “*Gordas e magras*”, Mendonça (1942, p.4) cita uma crônica feminina de um jornal fluminense – “Ha poucos dias, estive lendo a “Cronica Feminina” de um dos jornais do Rio de Janeiro.” – para salientar que também se interessava por crônicas femininas, principalmente as que tratavam de temas que reafirmavam o lugar da mulher naquela sociedade. As citações são um dos recursos de Mendonça para embasar seu ponto de vista e defendê-lo com

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 9, n. 2 (2016)

autoridade. Além de sustentar seus argumentos, elas contribuem para construir a imagem de um autor letrado, acadêmico e erudito.

Com relação aos assuntos destinados a cada autor pelo editor da revista, Iná de Sousa se dedica a enunciados mais românticos, em que se destacam temas sobre o amor e a desilusão com o emprego de um tom mais subjetivo e, de certa forma, que é considerado mais adequado ao público feminino. Já Mendonça discute sobre assuntos polêmicos, principalmente política, que são de maior interesse para os homens, pois cabia a eles discutir e tomar decisões que se refletiriam na família e na política. Dessa forma, os artigos publicados na revista dividiam-se em temas femininos e masculinos para, também, fortalecer a dicotomia social e cultural entre homens e mulheres.

Apesar dessa evidente divisão, alguns assuntos abordados por Souza e Mendonça são de interesse comum entre homens e mulheres, como, por exemplo, a fé e a religiosidade. Na década de 1940, os valores religiosos influenciam a sociedade em diversos aspectos, principalmente no que tange à sexualidade e à continuidade do casamento. No artigo “A divina esperança”, Mendonça (1944, p.2) trata da chegada do novo ano para refletir sobre a esperança transformadora: “Portanto, meu amigo, segue para a frente, resoluto e animado, certo de que te espera a felicidade que tanto sonhas, certo de que Deus te reservou o doce favo da doçura”. Nesse fragmento, ele utiliza verbos no imperativo, como “aceita”, “segue”, “olha”, “caminha”, “escuta”, para aconselhar o leitor. O tom reflexivo contribui para construir a imagem do autor como religioso, autocontrolado e objetivo, lugares comuns esperados do mundo masculino da década de 40.

No mesmo ano, em uma edição anterior, Iná de Souza publica “Prece”, uma releitura comentada da “Ave Maria”. As marcas da intertextualidade estão explícitas, pois as orações que se referem à prece são destacadas em negrito: **“Agora e na hora de nossa morte, não nos desampareis um só momento”** (1944, p.3). Nas partes que não pertencem à “Ave Maria”, Souza evidencia o dilema de muitas mulheres da época, que era o de esperar o final da guerra para que seus entes queridos retornasse para casa:

Ô Maria! Mandai de volta todos os vossos filhos do Brasil, fazei com que regressem aos vossos lares sorrindo, com o coração ainda cheio de fé, trazendo tremulante ao vento a sagrada bandeira do Brasil, com a vitória que significa a paz para todos os povos! (SOUZA, 1944, p.3).

A autora constrói para si a imagem de uma mulher religiosa, sensível à dor das famílias que sofrem por ter um filho ou marido em combate. Essa condição de guerra

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 9, n. 2 (2016)

justifica também os traços de patriotismo quando é mencionada a “bandeira tremulante” e a “vitória”.

É útil lembrar que os artigos aqui analisados, datados de 1942 a 1945, foram escritos durante a Segunda Guerra Mundial, período marcado por incertezas em todo o mundo. Nas produções que tratam desse tema, as imagens nos oportunizam discutir o papel das mulheres e dos homens nesse período de conflito. Iná de Souza aborda o assunto empregando um tom de súplica e piedade em nome das famílias que esperam o retorno de seus entes; enquanto José Mendonça (1944, p.2) aborda o tema com um tom de denúncia e crítica não só à guerra, mas também ao estado totalitário:

O Estado totalitário pratica a maior infâmia que há sobre a terra: - educa a juventude para a escravidão, para a obediência passiva e para a morte, em vez de educá-la para a liberdade, para o direito, para a vida plena, para a bendita alegria de viver.

Ao denunciar o caráter dominador do “Estado totalitário”, Mendonça constrói sua própria imagem como a de um homem corajoso, politicamente bem informado e inconformado com tal sistema, que usa da força e da violência. Dessa forma, o autor denuncia a ausência da democracia e dos direitos coletivos ou individuais, porém, tem o cuidado de fazer isso de forma generalizada, não citando um regime especificamente. Já no artigo “Medindo as orelhas”, Mendonça (1945, p.2) critica, de forma enfática, Hitler e sua busca pela pureza da raça ariana:

Os jornais acabam de dar descrição de um aparelho empregado na Alemanha, para auferir a pureza da raça.
Trata-se, simplesmente, de um medidor de orelhas...
Quando é preciso estabelecer a distinção das raças, isto é, determinar se um indivíduo é alemão puro ou tem sangue de judeu, medem-se as suas orelhas! A metamorfose da Alemanha, sob o nazismo, foi completa.

No fragmento, destaca-se o tom irônico e de crítica à maneira com que Hitler aufere a pureza da raça ariana. Mendonça expõe com clareza seu juízo de valor sobre a conduta do ditador e a metamorfose da Alemanha sob o nazismo.

Nos textos de Iná de Souza, conforme comentado, o tema da guerra é tratado a partir de um olhar mais distanciado, que é o das mulheres sofredoras em razão de seus horrores e da perda dos entes queridos. Esse sofrimento está explícito no artigo “Eles vão voltar”: “E então, neste dia memorável e inesquecível do regresso de nossos soldados, não nos esqueçamos desses pobres corações cobertos de luto.” (SOUZA, 1945, p.3). O tom empregado é sentimental e maternal, pois a autora se coloca no lugar das muitas

mães que não terão o que comemorar no dia do retorno, pois seu filho não voltará: “Seu filho lá ficou... sozinho, sem uma flor sobre a sua campa abandonada, deixando longe um coração pungido de sofrimento, um coração de mãe que ainda chora pela sua ausência tão sentida.” (SOUZA, 1945, p.3). A imagem construída nesse texto é a de uma mulher sensível que sofre pelas famílias que não terão de volta seu ente querido, mas que, ao mesmo tempo, se alegra por aqueles que voltarão. A autora utiliza argumentos que consideram a sensibilidade, a afetividade e a capacidade da leitora de se colocar no lugar das famílias dos “pracinhas”.

No artigo “O que eu quero de você, ano-novo...”, Souza (1943, p.3) faz de suas preces e pedidos de ano novo um momento de apelo ao fim da guerra: “Nesta tormenta que o mundo atravessa, só se vê na terra lutas, lágrima e sangue não há mais alegria em todos os lares, não há mais paz em todos os corações, só existe ódio, vingança e destruição!”. As imagens construídas expõem as mazelas causadas pela guerra e o sofrimento não só das famílias diretamente envolvidas, ou daqueles que enxergam no conflito uma forma de vingança e ódio, mas também o sofrimento de todo um povo que sofre pelos reflexos causados pelas batalhas: “O mundo hoje é um escravo submisso da guerra. Lutar! Matar! Eis o lema dos que seguem para os campos de luta, daqueles que vão em busca da morte com o coração transbordando de ódio e vingança.” (SOUZA, 1943, p.3).

A partir da análise comparativa, percebemos que Iná de Souza e José Mendonça abordam o tema da guerra com enfoques diferentes, assim como eram diferentes os papéis masculinos e femininos na década de 1940. Às mulheres eram reservados o sofrimento e as preces pelo fim dos conflitos, enquanto cabia aos homens refletir sobre esse momento e lutar pela segurança da família e pela ordem social e política.

5 O ESTILO EMPREGADO: OS OLHARES FEMININO E MASCULINO

O termo estilo é conceituado pela primeira vez no século XVI, por volta de 1570, quando García Matamoros (*apud* López-Grigera, 1992, p.706) o define como “*la expresión que fluye por naturaleza del hombre, que estructura por medio del arte la invención, la disposición y la elocución*”. Para Matamoros, a arte do estilo é fundamental, pois um bárbaro que ignora as leis da arte retórica não tem estilo, logo, não deleita seu leitor ou ouvinte. Apesar dos séculos que nos separam dessa época, o conceito de estilo guarda essa memória dos tempos retóricos, em que era considerado como expressão da arte de escrever bem e adequar o discurso, seja ficcional ou não, ao seu público.

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 9, n. 2 (2016)

Para Nilce Sant'Anna Martins, em *Introdução à Estilística* (2012, p.17), o estilo se aplica a tudo o que possa apresentar características particulares, das coisas mais banais e concretas até às criações artísticas. Assim, o conceito pode estar presente em diversos meios, inclusive o artístico e o jornalístico. Em nossa pesquisa, abordamos o estilo como o conjunto de características ou escolhas linguísticas individuais da escrita de Iná de Souza e de José Mendonça e os possíveis efeitos causados em seu público leitor a partir dessas escolhas. Sobre isso, Herculano de Carvalho (*apud* Martins, 2012, p.19) afirma que estilo é “o conjunto de características formais oferecidas por um texto como resultado da adaptação do instrumento linguístico às finalidades do ato específico em que foi produzido.”

Partimos do princípio que o texto apresenta um autor que imprime em seu discurso um estilo que evidencia sua voz singular. Essa voz se revela nos recursos linguísticos que emprega, como bem define López-Grigera (1992, p. 706), através das palavras de Matamoros: “*los nombres que se dan al estilo son: frases, dicción, carácter, hilo oracional, disposición de la oración, tenor, forma y figuras del decir*”. Das possibilidades que a língua oferece, as escolhas de cada autor definem seu estilo, cujo manejo também considera o leitor, ou seja, a quem se escreve, assim, o discurso e/ou texto deve ser adequado ao seu propósito para produzir o efeito desejado.

A comparação entre os estilos de Iná de Souza e José Mendonça evidencia que ambos empregam um estilo adequado ao seu público, que se divide em feminino e masculino. Souza, por exemplo, emprega, com frequência, o diminutivo em seus textos, recurso mais adequado ao público feminino por ser considerado como um fenômeno estilístico capaz de indicar matizes expressivas. Como afirma Martins (2012, p. 146):

O diminutivo pode exprimir, de um lado, a apreciação, o carinho, a delicadeza, a ternura, a humildade, a cortesia, e, de outro, a depreciação, o desdém, a irritação, a ironia, a gozação, a hipocrisia. (...) Grande parte dos casos de diminutivo consiste em acentuar um valor afetivo já contido no lexema, ou a atmosfera lírica de um enunciado.

Evanildo Bechara compartilha do ponto de vista de Martins em sua *Moderna Gramática Portuguesa* (2009, p. 141):

Fora da ideia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas, influenciado pelo contexto e auxiliado por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa, etc.) e os entornos que envolvem falante e ouvinte: *poetastro, politicalho, livreco, padreco, coisinha, issozinho*

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 9, n. 2 (2016)

Dizemos então que os substantivos estão em sentido pejorativo. A ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas de diminutivas das seguintes bases lexicais: *paizinho, mãezinha, queridinha*

Cunha e Cintra (2001, p.198) apresentam um ponto de vista semelhante ao de Bechara e Martins ao afirmar que o emprego dos sufixos diminutivos

indica ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afetiva no primeiro plano. Não quer comunicar ideias ou reflexões, resultantes de profunda meditação, mas o que quer é exprimir, de modo espontâneo e impulsivo, o que sente, o que o comove ou impressiona – quer seja carinho, saudade, desejo, prazer, quer, digamos, um impulso negativo: troça, desprezo, ofensa. Assim se encontra no sufixo diminutivo um meio estilístico que elide a objetividade sóbria e a severidade da linguagem, tornando-a mais flexível e amável, mas às vezes também mais vaga.

Em comum, Martins, Bechara e Cunha e Cintra atribuem ao diminutivo a função de atenuar ou valorizar algo ou alguém de forma afetiva. Como mencionado, o diminutivo é um recurso frequente nos artigos de Iná de Souza, como comprovamos nos fragmentos de “Enlevo” e “Esquecer”, publicados em 1942 e 1943, respectivamente:

“Enlevo”

O azul-palido do céu, bordado de macios flocos de algodão, ia se transformando **devagarinho**¹¹, muito **devagarinho**, num manto rubro-negro pintalgado de **pedrinhas** de brilhante... (SOUZA, 1942, p.3).

“Esquecer”

Um dia, também, o Tempo, esse **velhinho** de barbas brancas, muito brancas, que não perdôa ninguém, a nós levará como os outros...

(...)

Traga seus lábios abertos sempre em um sorriso feliz, deixa que seu **pequenino** coração tenha o sossego que ele merece ter... (SOUZA, 1943, p.3).

Nesses fragmentos, o objetivo do emprego do diminutivo é expressar emoções. No primeiro texto, “pedrinhas” caracteriza uma manifestação de ternura, enquanto a repetição de “devagarinho”, seguido pelo advérbio de intensidade “muito”, amplia o sentido de devagar, estendendo a ideia de lentidão que se encaixa no contexto. No segundo texto, “velhinho” abranda ou diminui o desconforto da palavra “velho”, enquanto o termo “pequenino”, do último fragmento, carrega uma nuance afetiva, que se confirma em seguida com a palavra “coração”. Os termos unidos evidenciam a ideia de que o coração, embora pequenino, carrega muitos sentimentos e desilusões.

¹¹ Os destaques em negrito nas citações sempre são nossos.

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 9, n. 2 (2016)

Já nos artigos de José Mendonça, o grau diminutivo é pouco utilizado. Essa escolha linguística pode ser justificada pela possibilidade de este recurso causar certo estranhamento em produções que tratam de temáticas como literatura, política e guerra, assuntos recorrentes em seus textos. O emprego do diminutivo foi encontrado apenas em “Paz ao mundo e à tua vida, pobrezinho...”:

(...)
 um **cavalinho** de páu, muito tosco, muito mal feito.
 (...)
 O’ **pobresinho**, meu filho, que a felicidade encha a sua casa!
 (...)
 Naquela **casinha**, num dos confins da Judéia, havia mais de um mês que não se acendia lenha. (MENDONÇA, 1943, p. 2)

Para compreendermos o uso do diminutivo nesses fragmentos, é preciso levar em conta o contexto, pois se trata de um texto natalino em que o autor escreve sobre uma família muito pobre, cuja mãe e filhos pequenos viviam sozinhos em uma casinha porque o pai estava preso por não ter conseguido pagar as contas. Um dos filhos segue uma estrela que o leva até o local onde está o menino Jesus, recém-nascido. Assim, esse texto foi escrito para leitores e leitoras já sensibilizados por essa data religiosa. Mendonça escolhe palavras que ampliam a sensibilidade, produzindo, assim, o efeito adequado para seu leitor, nesse caso de ambos os sexos. Embora “cavalinho” e “casinha” sejam usados para se referir a um brinquedo e a uma casa pequena, no uso de ambos há uma conotação afetiva, pois o objetivo é intensificar o estado de pobreza.

Ainda que haja diferenças quanto ao emprego do grau diminutivo nos textos de Iná de Souza e José Mendonça, ambos os autores têm seus estilos aproximados quando analisamos o emprego excessivo do adjetivo, como podemos ver nos fragmentos:

“Araxá”
 E lá, em meio a uma gente **boa, alegre e feliz** eu pude perfeitamente ver, todo o encanto e atração sobre os quais tanta gente fala. (SOUZA, 1942, p.5).

“... E o vento não levou”
 Eram palavras **bonitas**, muito **bonitas**, mas **mentirosas**. (SOUZA, 1942, p.21).

“As carrascas”
 A profissão de carrasco é, sem duvida, a mais **repulsiva**, a mais **detestável**, a mais **repugnante** de todas... (MENDONÇA, 1942, p. 3)

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 9, n. 2 (2016)

Em “Araxá”, temos o emprego de “alegre” e “feliz”, adjetivos que apresentam valores semânticos muito próximos, acarretando assim uma repetição desnecessária à compreensão do texto. Em “O vento não levou”, Souza evidencia na expressão “bonitas, muito bonitas” a repetição do termo “bonitas”, reforçado pelo advérbio de intensidade “muito”, que produz um recurso estilístico que amplia o efeito do adjetivo, que dá qualidade ao substantivo “palavras”. Em “As carrasças”, Mendonça emprega os adjetivos anteceditos pelo advérbio de intensidade “mais”, produzindo o efeito de exagero, pois amplia a indignação do autor pela profissão de “carrasca”. Ambos os autores utilizam-se, com frequência da enumeração e repetição dos adjetivos, pois apenas uma qualificação não basta para que expressem e reforcem sua opinião.

Martins (2012) atribui às palavras lexicais significação extralinguística, pois remetem a algo que está além da língua, podendo ser inerente ao seu próprio significado ou resultar de um emprego particular. Os adjetivos utilizados por Mendonça – “repulsiva”, “detestável” e “repugnante” –, por exemplo, exprimem seu julgamento pessoal sobre a profissão de carrasco. Segundo Martins (2012, p.105), “predominam nesse caso os adjetivos que atribuem qualidades positivas/negativas, valorizadoras/depreciativas, que podem ser distribuídas semanticamente no campo de bom/mau”. Ao escolher esses adjetivos, Mendonça evidencia seu posicionamento negativo e depreciativo sobre a profissão, que leva em conta aspectos culturais que atuam de forma consciente ou inconscientemente atribuindo aos adjetivos juízos de valor. Nesse texto, o autor lê uma notícia de jornal que o deixa consternado porque quatorze mulheres concorreram para a vaga de “carrasca”. Esse dado causa-lhe indignação em razão de ser uma profissão masculina, afinal, o carrasco é responsável por tirar a vida de alguém, o que seria inadmissível para uma mulher, que é a responsável por gerar a vida.

A descrição é outro recurso empregado com frequência por ambos os autores na construção de seus artigos, principalmente por Iná de Souza. O principal objetivo desse recurso é fazer com que o leitor crie uma imagem e visualize aquilo que é descrito. Ao empregar a descrição, o autor, bem como os personagens dos textos, compartilha uma visão, ou uma experiência, com o leitor. Esse recurso é evidente em “O Dom Impossível”:

Depois de percorrer todos os cantos da pequena povoação, dirigiu-se o grande filósofo para um trono ricamente adornado, que lhe fóra preparado com antecedencia, e numa voz solene e calma, disse ao povo impaciente que estava à sua disposição. Desse momento em diante, a multidão

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 9, n. 2 (2016)

começou a aconchegar-se a ele, e suplicantes, todos transmitiam seu ardente desejo, que era imediatamente satisfeito.

(...)

Daquela massa gigantesca, saíram cinco jovens de radiante esplendor, que se dirigiram a ele afim de também pedirem, a fim de também verem concretizado o seu sonho maravilhoso.

(...)

Somente peço-lhe, imploro-lhe que me conceda a suprema felicidade de possuir em meu coração UM AMOR SEM LAGRIMAS! (SOUZA, 1944, p. 3)

As descrições permitem ao leitor relacionar o “grande filosofo” à figura do gênio da lâmpada de Aladim, que em um passe de mágica transformava os desejos em realidade. Nesse texto, o homem é o detentor desse poder, logo, a realização ou não do desejo das cinco jovens depende de sua vontade. Os desejos são atendidos, exceto o amor sem lágrimas. As jovens representam o universo feminino e a ideia de que o amor intimamente ligado ao sofrimento deve ser um lugar comum para elas. A imagem construída reflete, pelo menos, dois aspectos capazes de explicitar o lado romântico que a autora imprime em seu texto: o milagre de ter os sonhos realizados sem muito esforço, como em um passe de mágica, e a relação entre amor e sofrimento, pois o único pedido que o “grande filosofo” não concede às jovens é o “amor sem lágrimas”.

Em “Esquecer...”, também de Iná de Souza, o recurso da descrição contribui para a construção e atribuição de uma imagem romântica ao universo feminino:

Certa vez, conversando nós dois assuntos alegres e variados, mostrei lhe, entre outras cousas, um livro grande, já bem estragado, tendo em sua capa amarelecida, o epigrafe seguinte: “Minha Historia do Passado”.

(...)

Decorrido alguns minutos, Você, olhando-me carinhosamente com seus olhos bem castanhos, nada me disse, mas, apenas, segurando aquele livro grande, aquele livro que continha muitas e muitas historias velhas, rasgou-o em pedaços, e queimou-os, um a um...

(...)

Assim, então, Você falou-me naquela noite linda de luar, com uma voz carinhosa e cheia de amor... (SOUZA, 1943, p. 3)

Nesses fragmentos, a cena do encontro amoroso tem a natureza como testemunha da busca pelo esquecimento de experiências tristes, como em “segurando aquele livro grande, aquele livro que continha muitas e muitas historias velhas, rasgou-o em pedaços, e queimou-os, um a um”. A natureza e o sofrimento abrem espaço para que Souza construa a imagem do homem ideal, que seria compreensivo, calmo e companheiro, pois aceita o passado da mulher e propõe que ele seja esquecido em nome de uma vida nova e feliz. Aqui, a imagem da mulher é de submissão, pois necessita da

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 9, n. 2 (2016)

aprovação do homem com relação ao seu passado. Sobre essa conduta feminina, há passagens bíblicas que evidenciam a necessidade da mulher de se colocar sempre nesse lugar, como, por exemplo: “Esposas, sede submissas ao próprio marido, como convém no Senhor. Maridos, amai vossa esposa e não a trateis com amargura.” (Colossenses 3.18-19). Em contrapartida a essa postura, o homem deve ser protetor, respeitoso, sustentador, aconselhador e líder do lar.

O recurso da descrição também é empregado nos textos de José Mendonça, porém, há menos ocorrências. Uma delas pode ser comprovada nos fragmentos abaixo:

“Gordas e Magras”

Eu me refiro à mulher de corpo cheio, de formas bem delineadas, e não á que tem dobras e mais dobras, banhas pendendo de todos os lados, realizando o que Eça de Queiroz denominou “o naufragio da forma na gordura”. (...)

Mas, agora, nas nossas sociedades elegantes, as moças e senhoras devem ter corpinhos de francêsas...

Hony soit qui mat y pense... (MENDONÇA, 1942, p. 4)

A descrição remete ao tipo feminino preferido pelos homens: gordas, corpo cheio, formas bem delineadas, mas não obesas. Os exemplos utilizados para ilustrar o ponto de vista do autor demonstra que a preferência pelas mulheres mais gordas é cultural no Brasil, no entanto, já aparecem indícios de uma mudança que privilegiaria os corpos magros, ou seja, “corpinhos de francêsas”. No texto, há o emprego de um tom masculino que constrói a imagem de um homem preocupado com a forma do corpo da mulher. A partir de seu julgamento, Mendonça, como representante do mundo masculino, determina o lugar que a mulher deve ocupar e as regras corporais que deve seguir para conquistar o homem, que teria o poder sobre a alma e o corpo feminino.

O julgamento sobre esse lugar também se evidencia em “As carrasças”:

Num minúsculo país, de minguada população, nada menos de quatorze mulheres inscreveram-se candidatas ao posto de carrasco!

Eu julgava (como sou ingenuo!) que a mulher fosse uma entidade quasi divina, a mais perfeita, a mais sublime em toda a criação.

(...)

É incompatível com a delicadeza de sentimentos, com a bondade e com um certo grau de desenvolvimento espiritual.

A mulher que devia encarnar tudo o que é nobre, quer, agora, ser carrasca! (MENDONÇA, 1942, p. 3)

A imagem de uma mulher que se candidata a “carrasca” contraria toda a memória social construída para a década de 1940. Para o imaginário da época, como destaca

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 9, n. 2 (2016)

Mendonça, a mulher ideal é aquela que é “todo amor e carinho”, “o balsamo das feridas”, “o afeto”, “a consolação”, “o encorajamento”. Enfim, em seu juízo, um “anjo do senhor”. Como uma mulher, preparada para gerar a vida, pode ser responsável por tirar uma vida? Percebemos, aqui, o papel feminino nessa sociedade, que é marcado pelo casamento e pela geração dos filhos. Se, por acaso, a mulher optar por um caminho diferente, será vista como “incompatível com a delicadeza de sentimentos com a bondade e com certo grau de desenvolvimento espiritual”.

Para Mendonça (1942, p. 3), a função de carrasco é mais indicada ao homem, pois, quando a mulher se dispõe a trabalhar com a morte, está tentando se igualar a ele: “A mulher de agora em diante, é, ao meu ver, um bicho tão ruim como eu mesmo, e como você, leitor”. A figura de “carrasca” se contrapõe à imagem que a mulher deve irradiar: materna, geradora da vida, protetora, por essa razão é um desconcerto para o autor, que chega a não considerá-la “normal”. O texto parece ser uma advertência para a mulher não se candidatar a esses cargos, que devem ser ocupados apenas por homens. Afinal, os lugares femininos e masculinos não podem ser desestabilizados ou subvertidos.

Esses fragmentos nos fazem refletir sobre a imagem construída na memória social dos anos de 1940 sobre a mulher, pois Mendonça parece expor, baseado em sua vivência, leituras e conhecimento de mundo, o que já estava construído sobre a figura feminina. Além disso, ao reproduzir através das descrições tais imagens, reforça a memória já construída, favorecendo sua disseminação e perpetuação.

Para finalizar a análise, voltamos ao recurso da descrição empregado nos textos de Iná de Souza, que o imprime de maneira peculiar principalmente para retratar a natureza de maneira encantadora e majestosa. No artigo “Araxá”, Souza tece elogios à paisagem da estância do Barreiro¹² para colaborar com a manutenção da memória desse ambiente paradisíaco e despertar o desejo das mulheres, sua principal leitora, em conhecê-lo: “Seus jardins floridos e aprazíveis, sua piscina de águas verdes e deliciosas, seus lagos imensos onde deslizam canôas vagarosamente, tudo isso completa a beleza magnífica do Barreiro!” (SOUZA, 1942, p.5).

Em “Enlevo...”, a descrição permite que o leitor visualize o entardecer e o anoitecer:

¹² A estância do Barreiro é, ainda hoje, um lugar de fama nacional em virtude do poder medicinal de suas águas e de sua lama. É oferecida aos visitantes uma diversidade de banhos, desde os de lama até os relaxantes, em ambientes adornados por uma arquitetura luxuosa que pode ser comprovada em um hotel construído na época de Getúlio Vargas.

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 9, n. 2 (2016)

A tarde caia lentamente...

O sól, com seus reverberos luminosos e quentes, ia se escondendo por entre as presagas nuvens, porque a noite não tardaria a chegar...

O azul-palido do céu, bordado de macios focos de algodão, ia se transformando devagarinho, muito devagarinho, num manto rubro-negro pintalgado de pedrinhas de brilhante... (SOUZA, 1942, p.3).

Essa transição de entardecer para anoitecer, que é um fenômeno natural, pode ser uma metáfora para a transição do final da juventude para o início da vida adulta, um período decisivo, em que se pode passar por crises, reflexões, angústias e conflitos que são, até certo ponto, positivos, pois favorecem o desenvolvimento. Essa integração entre as duas etapas da vida é um período de amadurecimento porque atuam em si aspectos residuais de experiências passadas, ao mesmo tempo em que lhe são propostas novas experiências relativas ao seu amadurecimento. Essa transição entre final da tarde e início da noite também indica o fim da inocência da juventude, que acredita na felicidade absoluta, sem angústias, lugar comum da mulher romântica. Essas descrições evidenciam o tom romântico empregado pela autora, que compara aspectos da cultura feminina a elementos naturais.

A análise dos textos de Iná de Souza e José Mendonça evidencia singularidades do estilo de cada autor, principalmente suas escolhas linguísticas e poéticas. Na comparação entre os dois estilos, percebemos que Souza apresenta um estilo, bem como temas, mais adequado ao público feminino, enquanto Mendonça preocupa-se em agradar ao público masculino. Dessa forma, o estilo permite que cada autor construa as imagens mais adequadas para sedimentar a memória de uma mulher e de um homem na década de 1940 como forma de perpetuar os lugares comuns do campo feminino e masculino.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos temas e estilo empregado nos artigos de Iná de Souza e José Mendonça, publicados na revista *Graça e Beleza* entre os anos de 1942 a 1945, revela memórias coletivas da comunidade uberabense da década de 40. As imagens construídas por Souza evidenciam as condições sociais e culturais em que ela vivia e escrevia. Em seus textos, as mulheres, comumente, são caracterizadas como românticas, maternais e cuidadoras, imagens que estão de acordo com o papel reservado a elas nessa sociedade patriarcal. Quando comparados os temas das publicações de Souza e

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 9, n. 2 (2016)

Mendonça, concluímos que à mulher eram reservados temas sobre religião, amor e desilusão, ou seja, assuntos relacionados à vida doméstica e cotidiana. Em contrapartida, Mendonça abordava assuntos em que se destacava como crítico, analítico, letrado e erudito, pois cabia a ele as discussões sociais, políticas e econômicas.

O sofrimento e a crise causados pela guerra são temas recorrentes em ambos os autores, talvez por se tratar de assunto contemporâneo e de interesse comum. Os artigos, que têm como pano de fundo a guerra, nos permitem conhecer tanto a história quanto o impacto desse momento não apenas na sociedade uberabense como em toda uma nação. O tom de súplica e oração pelo fim da guerra nas produções de Iná de Souza evidencia a imagem da maioria das mulheres que nada podiam fazer a não ser rezar e chorar por seus entes, um lugar comum feminino da época. Seu discurso não apresenta crítica, discussões ou opiniões sobre assuntos polêmicos.

As publicações de José Mendonça, de modo geral, constroem a imagem de homem engajado, preocupado não só com a política e a guerra, mas também interessado pelos assuntos relacionados à vida da mulher. Assim, é possível concluirmos que havia uma divisão clara, não somente na vida social e cultural entre homens e mulheres, mas também nas relações de trabalho, pois na revista **Graça e Beleza**, ao autor era dada uma maior liberdade para circular entre temas como a política, a sociedade e a arte, enquanto para a autora eram reservados temas do cotidiano, que não exigissem grandes reflexões ou posicionamentos controversos.

Ao compararmos os discursos presentes nos textos publicados em *Graça e Beleza* nos anos de 1942 a 1945 com os que circulam atualmente, percebemos que a mídia impressa tinha e continua tendo um papel formador de opinião e valores na sociedade e que, apesar das lutas, do tempo e das conquistas das mulheres, os lugares comuns da década de 40 ainda se repetem com insistência em alguns discursos atuais. Como exemplo, mencionamos o artigo publicado na *Revista Veja* em 18 de abril de 2016, escrito por Juliana Linhares, intitulado “Marcela Temer: bela, recatada e “do lar””. Linhares usa um tom elogioso ao escrever um perfil sobre a então futura primeira dama Marcela Temer, evidenciando características da mulher que ressaltam o lugar comum de décadas passadas, como podemos ver no fragmento: “Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi

Revista InterteXto / ISSN: 1981-0601
v. 9, n. 2 (2016)

duas vezes à dermatologista tratar da pele)”. As características de Marcela Temer, elogiadas por Linhares, são as mesmas consideradas ideais às mulheres da década de 1940, o que demonstra que, apesar de toda a luta por igualdade, a mulher considerada exemplo ainda é a que vive à sombra do marido. Dessa forma, os lugares comuns repetidos para se referir à mulher no passado insistem em obscurecer seu papel e suas conquistas na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BENJAMIN, Walter. Escavando e recordando. In: **Rua de mão única**. Rio de Janeiro, Brasiliense, 1987.

CUNHA, Celso; CINTRA. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. Ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FONSECA, André Azevedo da. **A construção do mito Mário Palmério**: um estudo sobre a ascensão social e política do autor de Vila dos Confins. São Paulo: UNESP, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão, et al. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. **Veja.com**, São Paulo, 19 abr. 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar>>. Acesso em: 29 jun.2016

LÓPEZ-GRIGERA, Luisa. Trorias del estilo en el siglo de oro. In: Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española, 2., 1992, Madrid. **Actas ...** Madrid: Pabellón de España, 1992. Tomo II, p. 703-713.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 3.ed. São Paulo:Vozes, 2003.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à Estilística**:A Expressividade da língua portuguesa. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

MUHANA, Adma, et al. (Org.). **Retórica**. São Paulo: Annablume; IEB, 2012.

PINTO, Julio Pimentel. **Uma Memória do mundo**: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. 333 p.

VIANA, Beto e Arthur. **Uberaba 20 autores**. Belo Horizonte: Quixote, 2013. 144 p.